

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

STHER MARIA DA SILVA

SANTO AGOSTINHO: EDUCAÇÃO E ILUMINAÇÃO DIVINA

MARINGÁ
2016

STHER MARIA DA SILVA

SANTO AGOSTINHO: EDUCAÇÃO E ILUMINAÇÃO DIVINA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em pedagogia.

Orientação: Prof. Dr. José Joaquim Pereira
Melo

MARINGÁ
2016

SANTO AGOSTINHO: EDUCAÇÃO E ILUMINAÇÃO DIVINA

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

ACADÊMICA: STHER MARIA DA SILVA

DATA DA DEFESA: ____/____/____

Trabalho apresentado nesta data ao Curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, examinado pela Banca Examinadora composta pelos professores:

Prof.^a Dr.^a. José Joaquim Pereira Melo (Orientador) – UEM

Prof.^a Ms. Christina Aparecida Santos - UEM

Prof.^a Ms. Taís Luiz de Almeida - UEM

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre me dar forças para superar os obstáculos e por me conduzir a mais uma vitória.

À minha família, especialmente meus amados pais, irmãos e avós pelo apoio, pelo cuidado e pelo estímulo.

Aos meus queridos amigos que de alguma forma colaboraram com incentivo e apoio constantes na elaboração desse trabalho.

À Nayara Caetano Fonseca, pela amizade, companheirismo e por sempre me motivar a seguir em frente.

À Jean Carlos Calefe Valera, pelo auxílio, atenção e cuidado.

Ao meu orientador prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo, pela contribuição e incentivo que tornaram possível a execução e conclusão deste trabalho.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram e participaram na reflexão e realização deste trabalho.

SILVA, Sther Maria da. **Santo Agostinho: Educação e Iluminação Divina.** Trabalho de Conclusão de Curso Modalidade Presencial, Universidade Estadual de Maringá, Campus Maringá, 2016.

RESUMO

A preocupação deste trabalho é entender a educação proposta por Santo Agostinho, tendo por referencial a teoria da Iluminação Divina, com vista a formação do homem cristão do seu tempo. Suas reflexões sobre o conhecimento, bem como do processo ensino-aprendizagem, levaram à conclusão que, para o homem chegar ao verdadeiro conhecimento e/ou saber, fazia-se necessária a iluminação divina, processo que se dava na interiorização do homem, o que requeria o seu afastamento de sua materialidade e de todos os apelos dos sentidos e do mundo exterior, para ir ao encontro da sua alma, onde se realiza a Iluminação Divina. Nessa dinâmica, um papel definitivo tinha Deus, o verdadeiro Mestre, que encontrava no discípulo o receptor das verdades inteligíveis, por meio de uma relação transcendental. Quanto ao mestre, não é um mero transmissor de conhecimentos, mas um facilitador da aprendizagem. Os referenciais que apontaram os caminhos para a presente pesquisa foram as reflexões agostinianas que trazem por títulos: *De Magistro* e *Soliloquio*, bem como uma bibliografia voltada à temática privilegiada.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Educação. Iluminação Divina.

SILVA, Sther Maria da. **Santo Agostinho: Educação e Iluminação Divina.** Trabalho de Conclusão de Curso Modalidade Presencial, Universidade Estadual de Maringá, Campus Maringá, 2016.

ABSTRACT

The objective of this work is to understand the education purposed by Saint Augustine, using his theory known as Divine Illumination, referring to the christian man of his time. His reflections about the knowledge and the process of teaching and learning took us to the conclusion that the man needs the Divine Illumination to reach the true knowledge, process that happens on the internalization of the man, leaving his materiality and the petitions of his senses and the external world, to find his soul, where the Divine Illumination is realized. In this dynamic, God has an important role, the true master, finding in the disciple a receptor of the truth by a transcendental relation. The master is not just a knowledge sender, he's a learning facilitator. This research used Augustine's reflections on his works *De Magistro* and *Soliloquio*, and the literature focused in the privileged theme.

Keywords: Saint Augustine. Education. Divine Illumination.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. SANTO AGOSTINHO: VIDA E OBRA.....	10
2.1. A VIDA.....	10
2.2. A OBRA.....	13
3. A TEORIA DA ILUMINAÇÃO DIVINA.....	16
3.1. A VERDADE VEM DE DEUS.....	16
3.2. A RELAÇÃO ENTRE A FÉ A RAZÃO A PARTIR DA TEORIA DA ILUMINAÇÃO.....	21
4. SANTO AGOSTINHO E A EDUCAÇÃO.....	24
4.1 O MESTRE NO PROCESSO FORMATIVO.....	24
4.2 O ALUNO NO PROCESSO FORMATIVO.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco o processo de formação do homem cristão a partir da Iluminação Divina proposta por Santo Agostinho. Porém, a filosofia de Santo Agostinho exorta o amor ao saber, e esse amor tem que surgir durante as fases de nossas vidas como cidadãos que estão envolvidos de alguma forma com a educação.

Agostinho foi um pensador que cultivou a moral, e que levou esse valor para a sua ação docente e religiosa. Ele defendia a ideia de que junto com o conhecimento que o aluno adquire, faz-se necessário que ele privilegie nesse conhecimento uma realidade maior, as verdades inteligíveis, tornando indispensáveis os verdadeiros valores, valores que honram a integridade e a verdade.

Assim, o mestre deve ter domínio e competência do que pretende transmitir para satisfazer seus discípulos sem se igualar ao verdadeiro mestre, Deus, que se faça respeitar na sua ação formativa, visto a importância do seu papel nesse processo.

Mesmo que Santo Agostinho não tenha se preocupado em elaborar uma proposta educativa sistematizada, a sua preocupação com a formação do homem cristão fez com que ele pensasse em uma forma adequada para prepará-lo à nova ordem social que se inaugurava com o cristianismo. Disso resultou um pensar formativo e educativo que se encontra fragmentado por toda a sua obra.

Nesse processo de pensar, a formação do homem cristão, destaca a sua preocupação em entender, na perspectiva cristã, como se realiza o conhecimento, pois, para ele, sabendo como esse se dá, o resultado seria uma melhor compreensão e prática do processo ensino-aprendizagem, ou seja, uma melhor formação do homem que se pretendia cristão.

Vale lembrar que em Santo Agostinho, o verdadeiro mestre em todo o processo de aprendizagem é Deus. Neste caso, o professor se torna o motivador do aluno, criando as condições necessárias para que o mesmo esteja disposto e animado para buscar em seu interior as verdades que se fazem necessárias para

que seja um homem virtuoso e feliz, o que para Santo Agostinho deveria ser o homem cristão.

Para a organização deste trabalho, ele foi estruturado em três capítulos, conforme segue: No primeiro capítulo, fala-se sobre a vida de Santo Agostinho, suas ações na vida social, na vida religiosa e escolar, já que acreditava que a razão pode colaborar com a fé nos assuntos referentes a formação do indivíduo.

O segundo capítulo remete à busca, segundo Santo Agostinho, feita por ele a Deus pela inteligência, partindo do princípio racional, isto é, seguindo por meio da filosofia até chegar aos domínios da fé. Em Santo Agostinho, a interioridade está profundamente ligada ao conhecimento da verdade, ou seja, em seu pensamento a interioridade forma o caminho pelo qual pode-se chegar à verdade, que é Deus. O caminho da interioridade é imprescindível ao processo formativo. Neste capítulo, a finalidade é desenvolver uma reflexão, visando provar a relação da busca de Deus pela inteligência, o que resultou na teoria da Iluminação Divina, e por quais caminhos ele o pode alcançar. “É em sua ‘teoria do conhecimento’ que Santo Agostinho apresenta ao homem a possibilidade de conhecer mais sobre sua própria natureza e sobre sua alma.” (SILVA, 2005, p.37).

No terceiro capítulo, apresenta o papel do professor e do aluno referente à educação segundo Santo Agostinho. O mestre é o facilitador da aprendizagem, o professor dá ânimo, incentiva o aluno para que ele chegue a tomar consciência da verdade interior. Assim, o homem recebe de Deus o conhecimento das verdades eternas. O saber não é transmitido pelo mestre ao aluno, já que a posse da verdade é uma experiência pessoal que não vem do exterior, mas existe dentro de cada um.

2. SANTO AGOSTINHO: VIDA E OBRA

2.1 A VIDA

Aurelius Augustinus, mais conhecido como Santo Agostinho, nasceu em 354, em Tagaste de Numídia, conhecida atualmente como Argélia, nascido de pai pagão Patrício e mãe cristã, Mônica. Quando criança, Santo Agostinho não gostava de estudar, segundo ele devido aos métodos hostis utilizados pelos mestres. Em Tagaste, realizou os anos iniciais de estudos, e logo depois, foi para Cartago, em busca de aprofundamento de seus estudos de gramática e retórica.

Também em Cartago, atuou como professor de retórica, sendo considerado um ótimo professor e reconhecido filosoficamente. Decide então mudar-se para Roma, considerado um grande centro intelectual em sua época. Porém, não ficou em Roma por muito tempo, pois logo se transferiu para Milão, onde ministrou e se dedicou à retórica.

Aos 17 anos, em Cartago, se dedica aos estudos e à leitura de livros durante três anos, época em que teve acesso a "*Hortênsio*", livro de Cícero, que o impressiona profundamente, conforme ele mesmo atesta:

Esse livro contém uma exortação à filosofia, e se chama Hortênsio. Esse livro mudou meus sentimentos, e transferiu para ti, Senhor, minhas súplicas, e fez com que mudassem meus votos e desejos. Subitamente, tornou-se vil a meus olhos toda vã esperança, e com incrível ardor de meu coração suspirava pela sabedoria imortal, e comecei a me reerguer para voltar a ti. Não era para limar a linguagem – aperfeiçoamento que, parece, eu compraria com o dinheiro de minha mãe, naquela idade de meus dezenove anos, fazendo dois que morreria meu pai – não era, repito, para limar o estilo que eu me dedicava à leitura daquele livro, nem era seu estilo o que a ela me incitava, mas o que ele dizia (AGOSTINHO, 2007, p. 21).

Com esta reflexão ciceroniana, ele se sentiu impulsionado a voltar-se para Deus, porém não se sentia convencido. Agostinho resolve estudar os escritos que os cristãos intitulavam Sagradas Escrituras para conhecê-las. Todavia, sente-se muito culto para tão simples escritos. Nessa sua procura, encantou-se pelo maniqueísmo¹,

¹O maniqueísmo surgiu na Pérsia, criada pelo profeta Mani, e foi à mãe das futuras doutrinas gnósticas dos bogomilos, dos catáros e dos albigenses. Essa doutrina tinha por fundamento a divisão

que por algum tempo foi a filosofia em que acreditou, e que exerceu intensa influência durante boa parte da sua vida pessoal e intelectual. Após algum tempo se sente enganado pelo maniqueísmo, pois buscava, segundo ele, a verdade, e vê que está se afastando dela. A princípio foi um admirador de Fausto, grande nome e bispo maniqueu de quem ouvia falar, mas se decepcionou com o mesmo ao conhecê-lo, já que Fausto não demonstrava ter respostas para as perguntas mais profundas de sua alma. De tal modo, Agostinho descreve o descontentamento ao Maniqueísmo em sua reflexão as *Confissões*:

Afastando-me da verdade, parecia-me encaminhar para ela, porque não sabia que o mal é apenas privação do bem, até chegar ao seu limite, o próprio nada. E como poderia ter eu tal conhecimento, se com os olhos não conseguia ver mais do que corpos, e com a alma não ia além de fantasmas? (AGOSTINHO, 2007, p. 23).

Constatou que a racionalidade empírica não lhe conduzira à plenitude da verdade prometida pelos maniqueus. Após afastar-se do maniqueísmo, Agostinho sente-se tentado a se voltar à filosofia cética, pensamento que pregava a desconfiança e dúvida com relação a todas as coisas, por estimar que os homens não apresentam conhecimentos exatos sobre nada. Apesar disso, afastou-se rapidamente deste segmento, visto segundo o próprio Agostinho, também não atendia as suas inquietações. Agostinho começa a considerar um novo caminho para se chegar ao que entendia por sabedoria. É nesse momento que se aproxima da filosofia neoplatônica² que foi importante para sua conversão. Direção filosófica ao que parece, influenciou a maioria dos padres da igreja. Em relação a essa contribuição da neoplatônica a teologia cristã, Pessanha, considerou na sua introdução ao livro *Confissões*:

O neoplatonismo era visto como uma doutrina que, com ligeiros retoques, parecia capaz de auxiliar a fé Cristã a tomar consciência da própria estrutura interna e defender-se com argumentos racionais, elaborando-se como teologia (AGOSTINHO, 2007, p. 7).

do mundo entre bem e mal. Pregava que a origem de tudo era o sol e que Deus se manifestava pela luz. O corpo era visto como mal e a prisão da alma.

²O Neoplatonismo começou com o filósofo Plotino (204-270), corrente filosófica do séc. III, baseava-se na doutrina de Platão e dos platônicos. O neoplatonismo se caracteriza por uma interpretação e mística das doutrinas de Platão, com influência do estoicismo e do pitagorismo. Segundo o neoplatonismo, o real é constituído de três hipóstases - o Uno, a Inteligência (Nous) e a Alma, sendo que as duas últimas procederiam da primeira por *emanação*. É considerado um sistema um tanto obscuro, embora tenha tido grande influência no início da formação do pensamento cristão, sobretudo devido ao seu espiritualismo (JAPIASSÚ, 2008).

Em Milão, teve contato com a pregação do bispo Ambrósio, por insistência de sua mãe Mônica, que o animava a frequentar as pregações ambrosianas, o que mudou sua trajetória pessoal. Contudo, ainda incerto sobre qual rumo tomar, se deveria ou não se entregar totalmente à fé cristã, Santo Agostinho se consumia cada vez mais com a incerteza, e então pediu que Deus o mostrasse o caminho ao qual deveria tomar. Não sabe Agostinho se por vontade divina, ou por outro motivo, ele escutou a voz de uma criança cantarolando "toma e lê, toma e lê" (AGOSTINHO, 2007, p. 78). Ele tomou isso como uma mensagem divina e foi para a Bíblia e leu o primeiro capítulo que viu. A criança teria apresentado a Santo Agostinho um trecho da Carta de São Paulo aos Romanos (13, 13-14), que faz um apanhado ao abandono da vida mundana, ou seja, que para Agostinho era trocar a vida dos pecados pelo amor a Deus.

Foi nesse período que se deu a sua conversão, com a certeza de que é em Cristo que se encontra a verdadeira felicidade, tendo como certeza de que o cristianismo era a verdade que tanto buscava: "porque sua vida, marcada pelo vazio interior, pela insatisfação pessoal e por crises existenciais, induzia-o a buscar constantemente a verdadeira felicidade." (PEREIRA MELO, 2010, p. 415). Entregou-se então na fé que há muito sua mãe o estimulava. Na Páscoa do ano 387, juntamente com o filho Adeodato e o amigo Alípio, recebeu o batismo das mãos de Santo Ambrósio.

Alípio também quis renascer em ti... Juntamos também a nós o jovem Adeodato, filho carnal de meu pecado; a quem dotaste de grandes qualidades. Tinha cerca de quinze anos, mas por seu talento ultrapassava já muitos homens maduros e doutos. Confesso-te que eram dons teus, meu Senhor e meu Deus, criador de todas as coisas, tão poderoso para corrigir nossas deformidades... Há um livro meu que se intitula *O Mestre*, no qual Adeodato dialoga comigo. Tu sabes que todos os pensamentos ali manifestados são dele quando tinha dezesseis anos. Muitas outras qualidades maravilhosas notei ainda nele, admirado por sua inteligência. Mas quem, além de ti, poderia ser o autor dessas maravilhas?... Fomos batizados, e os remorsos de nossa vida passada se afastaram de nós. Naqueles dias eu não me fartava de considerar a grandeza de teus desígnios para a salvação do gênero humano... Quanto chorei ao ouvir, profundamente comovido, teus hinos e cânticos que ressoavam suavemente... Acendia-se em mim um afeto piedoso, corriam-me lágrimas dos olhos, e o pranto me consolava (AGOSTINHO, 2007, p. 84).

Depois da conversão, Agostinho deixa Milão. Passando, em seus dizeres, por uma grande provação, seu filho vem a falecer. Resolveu voltar com a mãe para Tagaste, mas Mônica também veio a falecer no porto de Óstia, não muito distante de Roma. Após o sepultamento da mãe, Agostinho prosseguiu a viagem, chegando a Tagaste em 388, onde vende toda sua herança, distribuído o dinheiro entre os carentes, fundando um mosteiro numa dessas propriedades. Foi ordenado padre em 391 pelo bispo Valério. Em 395, Agostinho foi proclamado como bispo auxiliar, e em 396, assume como bispo de Hipona, onde permaneceu por 34 anos. Tornou-se personagem central da Patrística, movimento surgido na igreja primitiva que tinha por fim conciliar fé e razão. Considerado o pai dos pobres, grande protetor da doutrina de Cristo, foi definido como o mais intenso e importante filósofo e teólogo do seu tempo. Sua obra iluminou quase todos os pensadores dos séculos seguintes.

Em Agosto de 430, aos 76 anos de idade Santo Agostinho veio a falecer. Santo Agostinho deixou uma obra que influenciou o Ocidente cristão, influência que se faz até na atualidade.

2.2 A OBRA

Santo Agostinho escreveu uma obra múltipla. A maior parte das suas reflexões passa a ser elaborada para atender ao que Santo Agostinho entende como problemas ou preocupações que afligiam a Igreja do seu tempo. É por isso que em sua obra estão presentes as polêmicas em que ele mesmo esteve envolvido, buscando entender e esclarecer os momentos por ele vivenciados. Entender Agostinho é entender sua obra. A sua vida, portanto, exerceu papel fundamental na concepção do seu pensamento.

Souza e Pereira Melo, ressaltam a importância da vida e da obra de Santo Agostinho:

A compreensão da vida de Santo Agostinho é importante, tendo em vista a influência que ela exerceu em seu pensamento e em sua obra, já que a crença de que foi arrancado de uma vida pecaminosa

com a ajuda de Deus contribuiu em suas afirmações acerca da necessidade da graça para que o homem pudesse se reerguer. Como considerava ter vivido os mais diversos pecados da carne, desconfiava da sensibilidade humana, pois conhecia a fragilidade do corpo. É a partir disso que propunha que o homem se afastasse de sua materialidade e se voltasse para seu interior, para que pudesse encontrar o verdadeiro conhecimento e, com isso, a felicidade (SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p. 2).

Conhecer Santo Agostinho e sua obra conforme acima mencionado, é imprescindível, assim como as influências a que foi orientado. É essencial lembrar que o ambiente, a família, a cultura e as tradições exercem papel fundamental na formação de qualquer cidadão.

Considerando que para o momento é impossível discorrer sobre a obra agostiniana, visto a sua vastidão e tendo em conta o interesse que se circunscreve este trabalho, se privilegiou como fontes: *O Mestre* e *Solilóquios*. As reflexões contidas em *O Mestre*, escrita em forma de diálogo, tendo como personagens Santo Agostinho, recém convertido, e seu filho Adeodato, e se referem sobre a questão da linguagem, sobre os objetivos dos signos linguísticos e da fala. Nesse sentido, a preocupação primeira foi como o homem se expressa por meio da linguagem, para depois refletir sobre a linguagem interior. A esse respeito argumentou Agostinho em suas *Confissões*:

Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro de mim, e eu lá fora, a te procurar! Eu, disforme, me atirava à beleza das formas que criaste. Estavas comigo, e eu não estava em ti (AGOSTINHO, 2007, p.104).

Contudo, Agostinho aponta a impossibilidade de conduzir o conhecimento através da linguagem, segundo ele, “por palavras não aprendemos senão palavras; antes o som e o ruído das palavras, porque o que não é sinal não pode ser palavra” (AGOSTINHO, 2004). Assim, para se entender o significado das palavras tem que ter acesso antes ao objeto.

Em *Solilóquio*, composta por dois livros e trinta e cinco capítulos, Agostinho dialoga consigo mesmo. Ele indica que existem dois homens em cada ser, um homem exterior, o qual se liga à forma biológica e com todas as suas necessidades fisiológicas, e um homem interior, o qual se liga à divindade e que faz de nós humanos. É uma reflexão incompleta, pois no final do segundo livro Agostinho faz

observação ao estudo da inteligência. Todavia, este que consistiria no terceiro livro, não foi escrito, segundo suas informações, devido aos inúmeros afazeres pastorais de Agostinho (AGOSTINHO, 1998). Para ele, o ser humano não teria capacidade apenas de linguagem com os outros. Ele é capaz de linguagem interior, consegue falar consigo próprio. De modo simbólico pode-se dizer, ser a capacidade dele aprofundar-se dentro de si mesmo e logo sentir a necessidade do outro. Denota-se voltar para si mesmo numa atitude reflexiva. Significa, em outras palavras, voltar-se para a interioridade, é buscar o encontro com Deus. Agostinho afirma:

Ela não estava sobre meu espírito como o azeite sobre a água, como o céu sobre a terra, mas estava acima de mim porque me criou; eu lhe era inferior por ter sido criado por ela. Quem conhece a verdade conhece a luz, e quem a conhece, conhece a eternidade. O amor a conhece! Ó eterna verdade, amor verdadeiro, amada eternidade! Tu és meu Deus. Por ti suspiro dia e noite (AGOSTINHO, 2007, p.63).

E nesse processo de busca da interioridade, cujo o resultado é o encontro com Deus, que se dá a Iluminação Divina.

3. A TEORIA DA ILUMINAÇÃO DIVINA

3.1 A VERDADE VEM DE DEUS

Santo Agostinho se interessou em estudar sobre o conhecimento, aproximando-se dos pensamentos dos gregos, principalmente Sócrates, Platão e Aristóteles. O bispo de Hipona apresenta a “teoria do conhecimento”, que destaca o conhecimento natural dos sentidos, que provê elementos que são levados à memória e preparados pelo indivíduo, e o conhecimento inteligível, aquele que só pode ser entendido pela mente humana e apenas por meio da reflexão.

Agostinho, em sua reflexão sobre o conhecimento, se aproxima da teoria platônica da reminiscência. Essa teoria defende que o homem chega ao verdadeiro conhecimento quando se lembra de algo já contemplado anteriormente, no mundo inteligível. Contudo, não permanece nela, criando sua própria teoria, a teoria da Iluminação Divina, dizendo que o conhecimento não é recordado, mas sim iluminado por uma luz divina.

Para Santo Agostinho, o conhecimento verdadeiro era entendido como conhecimento das verdades eternas, dos conceitos ou leis divinas. “E assim se nos manifeste a transcendência das verdades eternas, que são transsubjetivas num sentido inteiramente diverso e superior as coisas sensíveis, pois ao contrário destas, aquelas são verdadeiramente imutáveis” (BOHENER, GILSON, 2009, p. 156). Contudo, diferente de Platão, Agostinho propôs que para que se reconheçam essas verdades, torna-se necessário voltar-se para dentro de si, num esforço da alma de achar a si mesma. “Está claro, já não é o corpo que atua sobre a alma, e sim a alma que atua sobre o corpo” (BOHENER, GILSON, 2009 p. 159). É certo que já em Platão se tem uma orientação dessa visão em direção ao interior. Uma vez que as ideias ainda se encontram na alma, precisam de intervenções racionais para que possam ser conhecidas. Além disso, como Platão reflete, a alma para reconhecer as ideias precisa voltar sua visão em direção a elas, de maneira a poder vê-las.

Tendo chegado à certeza de três verdades seguras, a saber: que ele existe, vive e pensa (e entre estas, dado primazia à última, visto que, pelo pensamento, o sujeito pensante sabe que vive e existe, pois não poderia pensar sem viver e nem viver sem existir), Agostinho constrói uma teoria do conhecimento ou da verdade (COSTA, 2012, p. 27).

A Teoria da Iluminação Divina de Santo Agostinho é compreendida como a ação de Deus na mente humana. É vista como uma luz natural de Deus a partir da qual Ele insere na mente humana as verdades eternas e imutáveis, oferecendo ao homem a possibilidade de achar o verdadeiro conhecimento e, deste modo, chegar à felicidade.

Consequentemente, de modo algum poderias negar a existência de uma verdade imutável que contém em si todas as coisas mutáveis e verdadeiras. E não as poderias considerar como sendo tua ou como exclusivamente minha, nem de ninguém. Pelo contrário, apresenta-se ela e oferece-se universalmente a todos os que são capazes de contemplar realidades invariavelmente verdadeiras. É ela semelhante a uma luz admiravelmente secreta e pública ao mesmo tempo. Ora, a respeito de algo que pertence assim universalmente a todos os que raciocinam e compreendem, poder-se-ia dizer que pertence como própria à natureza particular de alguém? (AGOSTINHO, 2014, p.116).

Em *Confissões*, Agostinho discorre sobre a concepção do intelecto, a parte da alma capaz de ver a luz imutável que é o próprio Deus, a partir de suas próprias experiências.

Estimulado por estas leituras a voltar a mim mesmo, entrei, guiado por ti, no profundo de meu coração, e o pude fazer porque te fizeste minha ajuda. Entrei, e vi com os olhos da alma, acima desses mesmos olhos, acima de minha inteligência, a luz imutável; não esta vulgar e visível a todos os olhos de carne, nem outra do mesmo gênero, embora maior. Era muito mais clara e enchendo com sua força todo o espaço. Não, não era esta luz, mas uma luz diferente de todas estas (AGOSTINHO, 2007, p.63).

A teoria da Iluminação Divina apresenta a ideia de que Deus, o Grande Mestre, habita interiormente no homem, expressando-se por meio da alma, ao criar as condições para que o homem tenha acesso à Verdade. É o Verbo divino comunicando-se com o coração. Essa sua crença foi expressa em sua prece de louvor e súplica a Deus:

Deus, Pai da verdade, Pai da sabedoria, Pai da verdadeira e suprema vida, Pai da felicidade, Pai do que é bom e belo, Pai da luz inteligível, Pai do nosso desvelo e iluminação, Pai da garantia pela qual somos aconselhados a retornar a ti (AGOSTINHO, 1998, p. 16).

Sendo a verdade imortal, ela deve habitar em algo que também seja imortal. Se a verdade residir no homem, que é mortal, deve existir nele algo imortal, e este

algo é a sua alma. É pelo conhecimento de sua alma que o homem, voltando ao seu interior, compreende as vontades que leva “o retorno ao interior de si mesmo e a ascensão da mente pelas coisas visíveis e mutáveis à verdade invisível e imutável constitui o fim da mais alta aspiração da alma” (VEGA, 1981, p.55. apud. SILVA, 2005, p.67). Logo, o homem necessita voltar-se para a alma, visto que:

[...] para Santo Agostinho, ela é superior, julgando as coisas corpóreas baseada em critérios considerados superiores aos objetos, já que estes são mutáveis e imperfeitos, enquanto os critérios com os quais ela julga são imutáveis e perfeitos. Esses critérios que a alma utiliza para julgar não são produzidos por ela, porque, apesar de ela ser superior aos objetos, é mutável, enquanto os critérios são imutáveis (SOUZA, 2010, p. 29).

A Verdade Suprema e provinda de todas as outras verdades, eternas, absolutas e necessárias, é garantida pelo próprio Deus. De acordo com Pereira Melo (2010), o conhecimento da verdade passa pelo conhecimento de Deus, logo, a alma anseia pelo conhecimento divino. O homem busca a felicidade devido à insatisfação consigo mesmo, determinado pela inquietude de sua alma, e deve buscar uma melhora pessoal. Entretanto, para que este procedimento ocorra, é necessário que o homem adote um comportamento que lhe dê condições para tal caminhada.

Em rigor, para Santo Agostinho, a iluminação significa uma ampliação do olho interior da mente nas verdades imutáveis, eternas e necessárias, “[...] uma luz mediante a qual Deus irradia na mente humana as verdades absolutas, imutáveis” (MONDIN, 1981, p. 139), percebidas graças à luz que Deus derrama sobre elas, fazendo-as inteligíveis ao nosso olhar interno.

[...] "Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: — por quem somos guiados até a Verdade (o Pai); — e qual Verdade gozamos (o Filho); — e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo) (IV,35). A felicidade está centrada no conhecimento da Verdade na interioridade da alma. Conhecimento que, ao mesmo tempo, é posse e gozo de Deus: "feliz quem possui Deus". A sabedoria que nos dá a felicidade consiste em fruir, deleitar-se em Deus, a Verdade infinita, nosso Bem Supremo e Imutável. Nossa perfeição moral e nossa felicidade consistem em conhecer e amar este Sumo Bem (AGOSTINHO, 1998, p. 115).

Nesse processo, o grande mestre é Deus, que ilumina a alma, levando-a ao encontro das verdades eternas e imutáveis que lhe são reveladas, para assim

chegar à felicidade. “O homem que não tivesse esse objetivo de vida está fadado ao fracasso em sua busca pela felicidade” (PEREIRA MELO, 2010).

Para que o homem se aproxime do conhecimento por intermédio divino, este necessitaria se afastar dos acontecimentos do corpo e assim poder apreciar e entender as intenções de Deus. O homem por sua vez, tem por obrigação passar por um processo de purificação moral, precisa se santificar para poder receber a verdade. A procura pela verdade induzia o indivíduo a compreender a si próprio e lhe trazia sentido à vida; deste modo, a Iluminação Divina servia para que o intelecto humano refletisse corretamente, segundo a ordem criada por Deus, trazendo luz às suas ideias.

[...] mas a Verdade que preside interiormente à nossa mente, sendo talvez incitados pelas palavras a consultá-la. E aquele que é consultado, ensina: é Cristo, de quem se disse que habita no “homem-interior”... A esta de fato, toda a alma racional a consulta; ela porém manifesta-se-lhe na medida em que cada um é capaz de receber, em razão da própria vontade, boa ou má. Se a alma alguma vez se engana, não é por defeito da Verdade consultada, do mesmo modo que não é por defeito desta luz exterior que os olhos corporais por vezes se enganam. É manifesto que para nos certificarmos acerca das coisas visíveis, recorreremos a esta luz, para ela no-las mostrar, na medida em que somos capazes de as ver (AGOSTINHO, 2004, p. 99)

A teoria da Iluminação Divina demonstra a ação do conhecimento a partir de uma ação imediata de Deus na produção das ideias. Entretanto, não desconsidera a participação do homem nesse processo. De tal modo, o homem poderia escolher viver segundo os desejos da carne e deixar sua relação com Deus, continuando no pecado, ou viver de acordo com o espírito e manter uma relação com Deus. Segundo Santo Agostinho, aquele que seguisse no caminho da sabedoria inicialmente se distanciaria dos prazeres do mundo e se tornaria um ser espiritual, passando a contemplar a verdadeira felicidade, formando uma relação entre o conhecimento, a felicidade e Deus.

O orgulho imita a altura; mas só tu, Deus excelso, estás acima de todas as coisas... A curiosidade sugere amor à ciência, enquanto só tu conheces plenamente todas as coisas... O luxo gosta de ser chamado de fartura; mas só tu és a plenitude e a abundância inesgotável de eterna suavidade. A prodigalidade veste-se com a capa da liberalidade; porém, só tu, és verdadeiro e liberalíssimo doador de todos os bens. A avareza quer possuir muitas coisas; porém, só tu as possui todas... Quem poderá separar de ti o que

amas? E onde, senão em ti, se encontra inabalável segurança?... Assim pecca a alma, quando se aparta e busca fora de ti o que não pode achar puro e ilibado senão quando se volta novamente para ti. Perversamente te imitam todos os que se afastam de ti e se levantam contra ti. Porém, mesmo imitando-te, mostram que és o criador de toda criatura e que, portanto, não existe lugar onde alguém se possa afastar de ti de modo absoluto (AGOSTINHO, 2007, p. 16).

Na busca pela felicidade, o homem passa por um processo de santificação, que o aproxima de Deus e do verdadeiro conhecimento. Do mesmo modo, para Santo Agostinho, a ação da busca interior do homem adota um caráter educacional, pois, à medida que o homem se aproxima de Deus, aproxima-se do verdadeiro conhecimento.

Pereira Melo (2002) considera a educação vista por Santo Agostinho como um processo no qual o homem exterior, agregado de materialidade, vai dando lugar para o homem interior, no qual o interior é espiritual. “a educação como um processo mediante o qual o ‘homem exterior’, material, mutável ia cedendo espaço para o ‘homem interior’, espiritual, imutável e imortal” (PEREIRA MELO, 2002, p.68). Assim, a ação educativa carece passar por uma purificação moral, que só é possível somente por mediação divina.

Neste sentido, a razão é o meio ou mediador, entre o sentido interior (a alma) e as verdades eternas, imutáveis e universais, pois sendo os seres humanos contingentes, não podem conhecer por contato direto as verdades eternas, mas só por mediações, por “leis” ou “normas” racionais, frutos da iluminação divina (COSTA, 2012, p. 30).

Ainda assim, para se chegar ao verdadeiro conhecimento, que se realizava na interioridade do homem, é preciso que sua alma seja liberta dos sentidos, dos bens materiais e de todos os apelos do mundo exterior.

É por isso que bem poucas pessoas podem ser sábias, ao passo que a possibilidade de fazer contas é concedida até aos néscios. É também porque os homens admiram a sabedoria e apreciam menos os números. Mas aqueles que são instruídos e os verdadeiros estudiosos quanto mais se afastam das impurezas terrestres, tanto melhor contemplam na própria verdade o número como a sabedoria, e a ambas atribuem grande estima. Em comparação a essa verdade, não somente o ouro e a prata, mas todos os outros bens, para a obtenção dos quais os homens se disputam, e até a si mesmos, são julgados como vis (AGOSTINHO, Título1995, p.115).

Para que se consiga chegar à Divindade Suprema, é preciso que o homem esteja preparado e tenha vontade para tanto. No entanto, esse processo não é fácil. Nesta procura por Deus, é imprescindível que o homem tenha fé e tenha como finalidade completar a inquietude de seu coração por meio de Deus. Compreende-se então que, para Santo Agostinho, a educação tem a função de proporcionar a caminhada humana neste processo. Assim, se faz necessário que o homem regresse para as verdades eternas, presentes em sua alma, por intermédio da Iluminação Divina. Vale lembrar que nessa caminhada fé e razão são parceiras imprescindíveis, mesmo que a fé seja mais importante.

3.2 A RELAÇÃO ENTRE A FÉ A RAZÃO A PARTIR DA TEORIA DA ILUMINAÇÃO

Existem para Santo Agostinho dois meios pelos quais o homem alcança o conhecimento da verdade: a fé e a razão. Ainda que a fé preceda a razão, ambas são ligadas e inseparáveis. Na Filosofia Agostiniana, fé e razão são necessários ao homem em sua busca da verdade.

Assim sendo, o homem carece de ambos os dons, tanto o da fé como o da razão, para que alcance contemplar a Verdade: “Ao homem, para possessão da verdade, não lhe basta somente a razão, é necessária também a fé” (SCIACCA, 1955. p.302. apud. SILVA, 2005. p.32). Para Agostinho não há compreensão sem que exista fé no que é compreendido:

[...] Com efeito, se crer não fosse uma coisa e compreender outra, e se não devêssemos, primeiramente, crer nas sublimes e divinas verdades que desejamos compreender, seria em vão que o profeta teria dito: “Se não o credes não entendereis” (Is 7,9, na LXX). (AGOSTINHO, 2014, p. 78).

Igualmente, a fé tem que ser anterior à razão, e a fé passa a ser atribuição da capacidade de entender: “Se não o credes não entendereis”, pressupondo indispensavelmente a necessidade de crer como privilégio de entender.

Não existe em Agostinho o problema abstrato do acordo ou oposição entre fé e razão, senão a unidade concreta, vivente, de uma e outra

na vida cristã, de que fé e razão são dois elementos constitutivos. Não uma razão presunçosa nem uma fé cega, senão uma razão que se dobra a autoridade e uma fé que ilumina a razão (SCIACCA, 1955. p.314. apud. SILVA, 2005. p.31).

A solução agostiniana em primeiro plano não é encontrar a ligação entre esses dois conceitos, mas reelaborar os conceitos de fé e de razão, e que tem um efeito que suprime as diferenças existentes. “A fé significa para ele um início de solução de problemas, à medida que a fé na verdade das Escrituras proporciona ‘axiomas’ a partir dos quais a resposta deve ser procurada” (FILHO, 2009, p. 97). Deste modo, trata-se de distinguir a racionalidade da fé. Entender e crer tem a mesma finalidade. Com efeito, Agostinho compreendeu que razão e fé são duas forças designadas a contribuir juntas para dirigir o homem ao conhecimento da Verdade.

No livro *O Livre Arbítrio*, Agostinho diz: “Crê para que a fé ajude o intelecto a entender; entende para que o intelecto procure a fé” (AGOSTINHO, 2014, p. 16). Com isso, entende a necessidade expressa pelo filósofo de crer em algo para que este algo possa ser conhecido.

Por serem três as realidades: o ser, o viver e o entender. É verdade que a pedra existe e o animal vive. Contudo, ao que me parece a pedra não vive. Nem o animal entende. Entretanto, estou certíssimo de que o ser que entende possui também a existência e a vida. É porque não hesito em dizer: o ser que possui essas três realidades é melhor do que aquele que não possui senão uma ou duas delas (AGOSTINHO, 2014, p. 81).

O ser humano é o privilegiado por ser detentor desses três fatos, ou seja, a existência, a vida e o entendimento, logo é o único apropriado de apreciar a Deus, dado que o fator “crer” é essencial ao ser humano, já que ele é o único ser atribuído de razão. Fé e razão encontram-se numa dependência mútua. Há entre elas uma familiaridade maior do que mera ligação. Uma vez assim, a razão permanece no caminho da inteligência, e pertencendo àquele que tem fé prosseguir procurando entender.

Na teoria agostiniana, a fé e razão não são dois conceitos contrários, senão coincidentes, pois, segundo esta teoria, o homem não pode entender algo que antes não tenha acreditado que existia, ou seja, não pode compreender um acontecimento que pensa que não existe.

Pois não se pode considerar como encontrado aquilo em que se acredita sem entender. E ninguém se torna capaz de encontrar a Deus se antes não crer no que há de compreender. É porque, dóceis aos preceitos do Senhor, sejamos constantes na busca. Porque aquilo que procuramos, sob a divina exortação, nós o encontraremos, graças a ele. Isso o quanto podem ser encontradas essas maravilhas nesta vida e por homens como somos nós. Com efeito, é preciso que creiamos – nós mesmos, e as melhores pessoas, enquanto vivem neste mundo. E certamente, depois desta vida, todos os homens bons e piedosos possuirão e contemplarão essas coisas, com mais evidências e perfeição. Quanto a nós, podemos esperar que assim também será conosco. Nessa esperança, desprezando os bens terrestres humanos, desejemos e amemos com todas as forças as verdades divinas (AGOSTINHO, 2014, p. 79).

Com efeito, quem não tem fé por testemunho nas verdades divinas e superiores nunca conseguirá compreendê-las, se não crer não compreenderá.

A fé é o que certifica ou garante ao homem que conseguirá obter o desejado entendimento. Numa passagem das *Confissões*, Agostinho garante que a fé surge da humildade e, uma das formas de adquiri-la é por meio da leitura e reflexão nos textos das Escrituras Sagradas:

Depois de ter lido aqueles livros dos platônicos, induzido por eles a buscar a verdade incorpórea, começaram a se tornarem patentes, por meio de tuas obras, tuas perfeições visíveis. Repelido para longe de ti, compreendi em que consistia essa verdade, que as trevas de minha alma me impediam de contemplar. Estava certo de tua existência e de que és infinito, sem contudo te estenderes por espaços finitos ou infinitos; e de que és verdadeiramente aquele que é sempre idêntico a si mesmo, sem te mudares em outro, nem sofrer alteração alguma, quer parcialmente ou com algum movimento, quer de qualquer outro modo; e de que tudo o mais vem de ti, pela única e irrefutável razão de que existe (AGOSTINHO, 2007, p. 67).

A fé é um dom divino que induz o homem ao conhecimento de Deus, e com a mente iluminada pela fé, conhece a Deus. Segundo Filho (2009) “a fé anuncia uma promessa, indica um horizonte a que a razão deve aspirar. Caberá à razão explorar o dado introduzido pela fé [...]” (FILHO, 2009, p.109). É essencial a compreensão de que a antecedência da fé não suprime a estima da razão, do mesmo modo que assegura que ela se conserve. E é importante não perder de vista que essa relação prescinde da ação da iluminação. O resultado desse encontro fé e razão, que favorece a iluminação, tem como resultado o início e a efetivação do processo formativo do homem ideal cristão.

4. SANTO AGOSTINHO E A EDUCAÇÃO

O trabalho realizado por Santo Agostinho, pela educação foi de extrema relevância na formação do homem de sua época, particularmente, em suas discussões ao que se refere ao professor e ao aluno.

4.1 O MESTRE NO PROCESSO FORMATIVO

No entendimento agostiniano, o grande mestre é Deus “Inclusive, o designava de o ‘íntimo Mestre’, aquele que ensina na escola do coração” (CAMBI, 1999, p.137). Mesmo assim segundo Santo Agostinho, o professor auxilia o aluno para que possa encontrar a iluminação e descobrir, despertar para o conhecimento almejado. Em face de Deus ser o único mestre, Santo Agostinho alertou que carece de ter cautela nesse caso, para não se esquecer ou até mesmo não menosprezar a figura do mestre humano que é imprescindível no processo de facilitar o saber.

O professor não transmite o conhecimento, ele desperta. O entendimento é que o professor depende da predisposição do aluno em aprender, pois ele não ensina sozinho, assim deve haver uma verdade comum a dois. O professor indica o caminho e o aluno o segue, deste modo, o saber nasce do seu interior. O homem enxerga em seu interior o conhecimento que foi agraciado por Deus.

Quando porém se trata das coisas que vemos por meio da mente, isto é, por meio do intelecto e da razão, falamos realmente de coisas que contemplamos presentes nessa luz interior da Verdade, de que é iluminado e goza aquele que se denomina “homem interior”. Mas ainda então o nosso ouvinte, se também ele as vê por meio dessa visão íntima e pura, conhece pela sua contemplação o que eu digo, e não pelas minhas palavras. Por conseguinte, ao dizer coisas verdadeiras, nem sequer o ensino a ele, que intui essas coisas verdadeiras, pois não é ensinado pelas minhas palavras, mas pelas coisas mesmas que lhe são manifestas, descobrindo-lhas Deus interiormente (AGOSTINHO, 2004, p. 102).

Seguindo esse pressuposto, o homem recebe o conhecimento das verdades eternas de Deus, aprende à medida que se aproxima de Deus. Apesar disso, não

significa que ele não precise utilizar o próprio intelecto. Partindo desse entendimento, que a aquisição do conhecimento é o resultado, em grande medida, de uma busca pessoal, Santo Agostinho asseverou que ninguém é instruído para ensinar outra pessoa, “Nenhum homem, pois, em sentido estrito, é mestre de outro homem, por muito que possa e consiga transmitir suas ideias” (PEREIRA MELO, 2015, p. 92). Se o aluno não sabe, previamente, pode até acreditar que o mestre o ensina, mas verdadeiramente não aprende. O papel do professor não é transmitir ao aluno sua opinião, mas sim um conteúdo. Dessa maneira, para Santo Agostinho o professor propicia o conhecimento por intermédio de perguntas para que o aluno procure as respostas necessárias e assim alcançar o conhecimento e fazer o descobrimento da verdade por si próprio.

[...] não desconsiderou a relativa importância do mestre humano e da mediação linguística na educação e na aprendizagem. Segundo ele, as palavras criam as condições para que o processo ensino-aprendizagem ocorra, mesmo que este seja resultado do encontro interior com a Verdade absoluta, o conhecimento pleno, a iluminação divina (PEREIRA MELO, 2015, p. 93).

Para Santo Agostinho tanto o aluno quanto o professor são alunos, pois entre a ação docente e discente se oportuniza uma troca de experiências. Entretanto, o verdadeiro mestre em todo o processo de aprendizagem é Deus.

Por agora, advertir-te de que não lhes devemos atribuir mais importância do que é justo, de maneira a não acreditarmos apenas, mas começarmos também a entender com quanta verdade foi escrito, e com autoridade divina: “não chamemos mestre a ninguém na terra, pois que o único Mestre de todos nós está nos Céus” (Mateus 23, 8-10). O que quer dizer – nos Céus – Ele próprio o ensinará, Ele que também pelos homens, por meio de sinais e de fora, nos incita a que nos voltemos para Ele no nosso interior, para sermos ensinados (AGOSTINHO, 2004, p.110).

Assim sendo, a função do professor é incentivar o aluno, e fazer com que ele se sinta disposto e animado para procurar as respostas dos questionamentos feitos, respostas estas que o induziram a raciocinar, refletir e tomar consciência da verdade, “Aquele que interrogava nada ensinava, já que essa era uma faculdade do mestre interior. ” (PEREIRA MELO, 2010, p.430).

Com isso, a educação, em Santo Agostinho, fundamentou-se em um percurso de perfeição moral que se obtinha mediante uma “peregrinação”, na qual o homem exterior (material) cedia lugar ao homem interior (espiritual).

“na proposta de educação agostiniana, que foi concebida com uma longa e exaustiva caminhada de purificação moral e de exercitação intelectual, esse ideal se caracteriza a medida que o “homem exterior”, material, imutável e mortal cedia espaço para o “homem interior”, espiritual, imutável e mental” (PEREIRA MELO, 2010, p. 409).

Nesse processo, Santo Agostinho também mostrou a importância da alegria que deve marcar esse encontro, a fim de criar um vínculo afetivo entre o mestre e o discípulo. Inclui as brincadeiras, assim como a música, como matérias extracurriculares, que ajudam a construir afeição e harmonia entre ambos, não apenas no âmbito escolar, mas para além disso, é dessa maneira que se adquire a paz da alma, e essa é a finalidade da educação.

Uma das metodologias de Agostinho foi revelar a importância da palavra, sendo esta essencial na assimilação do conhecer. Porém, isso depende de cada pessoa, pois o que foi exposto, cada um aprende de uma maneira, assim as pessoas desenvolvem o que aprendem em seu interior a partir da palavra.

É preciso que o mestre tenha cautela para expor algo novo para a criança. Dependendo da fase, ela carece de conteúdos concretos. Não que ela não vem a aprender, mas as teorias e conteúdos têm que ser de acordo com sua idade, e demanda do docente calma para reproduzir o mesmo conteúdo até que a criança chegue ao seu domínio.

Por esse motivo, em sua explicação sobre a aquisição do conhecimento, ele estabelece/marca a distinção entre o sensível e o inteligível, isto é, entre o que se aprende pela experiência pessoal e o que se aprende pela iluminação divina. Com isso, coloca em discussão a íntima relação entre a aprendizagem pela iluminação e o ensino promovido pelo homem por meio da linguagem – comunicação docente (PEREIRA MELO, 2015, p.87).

A linguagem é apontada por Agostinho como importante instrumento para incentivo à aprendizagem, na medida em que o mestre saiba explorar esse potencial a favor do seu discípulo. Em suas palavras, o estímulo antecipadamente promove o bom andamento do aprendizado dos alunos, da sua perseverança em sala de aula, no sentido de pensar ou idealizar além do presente, ou seja, trazer o futuro em suas ideias, bem como o respeito de suas decisões.

Cabe aos mestres a função de estimular, provocando os discípulos de maneira que eles busquem a confirmação do que é dito e possam encontrar o conhecimento em seu interior, sendo que o homem

chega à verdade por meio de uma contemplação que realiza com o “olho interior” da alma (SOUZA, 2010, p. 107).

Referente ao corpo humano, Agostinho respeitou a doutrina e os dogmas religiosos da igreja católica no discernimento de não cometer mal e/ou profanar o corpo, visto o corpo ser o “templo de Deus”, e como tal deve ser respeitado, purificado e santificado. Motivo de Santo Agostinho ter sentenciado: “A corrupção do corpo que pesa sobre a alma não é a causa, mas a pena do primeiro pecado” (AGOSTINHO, 2014, p. 8).

Outro legado de Santo Agostinho é referente a leitura. Ele dizia que o professor deve ler muito. “A leitura refletida e degustada será muito enriquecedora a todos os que buscam conhecimento mais profundo sobre as temáticas expostas” (AGOSTINHO, 2014, p. 12). Entende-se que a leitura é essencial para professores e alunos no aperfeiçoamento da oralidade e da direção do ensino-aprendizagem.

Isso posto, a perenidade do pensamento agostiniano que não limitou ao seu tempo, pois ainda se encontra candente na atualidade, em sua proposta formativa, em sua dimensão moral, ética e religiosa, particularmente no magistério da igreja.

4.2 O ALUNO NO PROCESSO FORMATIVO

No livro *O Mestre*, Agostinho retoma a teoria da iluminação mostrando ao seu filho, Adeodato, que conhecer é recordar e aprender é descobrir em si as verdades eternas. A sabedoria procede de Deus, o único mestre, o conhecimento será a finalidade de todos os que tiverem fé. Agostinho argumenta com Adeodato de que o ensino é favorecido pelo professor para o aluno pelo meio da linguagem.

De acordo com Santo Agostinho, as palavras não contribuem para ensinar, mas para fazer lembrar coisas que já conhecidas. Mas, se de fato as palavras nada ensinam, não se pode esquecer de que elas:

[...] incitam-nos apenas a buscar as coisas, não no-las apresentam para as conhecermos. Ora quem me ensina alguma coisa é quem me manifesta, quer aos olhos quer a outro sentido do corpo, ou ainda à própria mente, as coisas que eu quero conhecer. Portanto, com

palavras não aprendemos senão palavras, ou melhor, o som e o ruído das palavras (AGOSTINHO, 2002, p. 97).

Para Agostinho, se escutar uma palavra e conhecer o que designa, “mais lembramos do que aprendemos; se não sabemos, nem sequer o lembramos, mas somos talvez incitados a inquirir” (AGOSTINHO, 2002, p. 97). Novamente, as palavras não ensinam a ninguém, porém nos estimulam a recordar, descobrir.

Aquilo que os alunos aprendem não é precisamente aquilo que o professor lhes diz. O aluno usará as palavras que são pronunciadas pelo professor para chegar a Verdade que há dentro de si. Haveria a necessidade de ouvir estipuladas palavras com o intuito que fossem à busca da Verdade dentro de si. Do mesmo modo, quem ensina é o que Agostinho nomeia de mestre interior, que se encontra na mente de cada um. Todavia, as palavras do mestre exterior, o professor, encorajam o aluno a procurar o que, de certa maneira, já saberia.

Os professores esclarecem por palavras as doutrinas que assumem ensinar. Nessas circunstâncias que Agostinho refere:

Ora depois de terem [os professores] explicado por palavras todas essas doutrinas, que declaram ensinar, incluindo a da virtude e a da sapiência, então aqueles que são chamados discípulos, consideram consigo mesmos se se disseram coisas verdadeiras, e fazem-no contemplando, na medida das próprias forças, aquela Verdade interior de que falamos. É então que aprendem (AGOSTINHO, 2002, p. 109).

Considera que o ensino não é algo que o professor concede aos seus alunos. O aluno carece pensar por si mesmo, não somente aprendendo e memorizando o que os professores falam. “Pois quem será tão estultamente curioso que mande o seu filho à escola, para que ele aprenda o que o professor pensa?” (AGOSTINHO, 2002, p. 109), questionava Santo Agostinho. Somente a iluminação é que possibilita ao aluno diferenciar a verdade da falsa opinião. Se o aluno não conhece, previamente, a verdade, ele pode acreditar, mas não aprender. Se ele já conhece a verdade, não irá aprender nada novo. Se considerar que é errado o que o professor lhe ensina, também não terá nenhuma nova aprendizagem. Isto posto, o professor não é um mestre; é um aluno como o seu aluno. Ambos são alunos do Mestre que é Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as contribuições para o processo formativo de Santo Agostinho foram imensas não só em sua época, mas até mesmo no presente momento, uma vez que foram produzidas condições que responderam e possibilitaram um aperfeiçoamento da formação do homem cristão. Sua obra superou os limites do pensamento da época e influencia até os dias atuais. A partir de seu entendimento, pôs a luz o valor do conhecimento não só no campo religioso, mas de outros conhecimentos, já que defendia a ideia de que o cristão não deveria ser um ser ignorante, pois a razão ajudava a fé, e levava o homem ao conhecimento, atitudes, práticas e uma maior compreensão e vivência da sua fé.

Conforme já discutido, o estudo da sua teoria do conhecimento evidencia-se à ligação existente entre a Iluminação Divina e a busca de Deus pela inteligência. Agostinho, em seus escritos, apresenta que todo indivíduo busca a aproximação a Deus, visto, para o pensador, Ele é o caminho para a verdade, essa verdade é o próprio Deus. No entanto, entendendo que a inteligência iluminada é o que concede ao homem conhecer, o que não exclui uma separação entre fé e razão. Em contrapartida, fica claro no pensamento agostiniano, a afirmação de que a razão, quando privada da luz procedente de Deus, encontra-se incompleta, presa na sua própria limitação. Portanto, Deus faz com que o busque para que se torne completo, iluminando a mente humana.

Deixando o pressuposto do espírito: o viver, o existir e o pensar, o homem ao ter uma característica única por ser intelectivo, entende que existem verdades eternas e imutáveis, que levam ao homem transcender o sensível, o que se manifesta na vivência do absoluto. No anseio de busca pela verdade e sabedoria para se chegar a uma vida feliz.

A relação entre a Iluminação Divina e o conhecimento humano em Santo Agostinho é notória. Para ele, a Iluminação se integra com a Trindade, e a Trindade sendo Deus, é Ele próprio que atua sobre a natureza humana, e a faz buscar sua plenitude.

Santo Agostinho apresenta que é na busca interior que o homem se percebe iluminado e procura aquele que o ilumina. “Porque não somos nós a luz que ilumina a todo homem, mas somos iluminados por ti, para que sejamos luz em ti, nós que outrora fomos trevas” (Agostinho, 2007, p.83).

Na busca pela felicidade e verdade, Agostinho apresenta em *Soliloquio* que, “se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em revés algum da sorte” (AGOSTINHO, 1998, p.130). Assim, a verdadeira felicidade está em Deus, ou seja, só é verdadeiramente feliz quem possui a Deus.

A teoria da Iluminação Divina de Agostinho nos faz pensar que a verdade não está nem nas coisas externas, nem na razão humana. A verdade é o próprio Deus que ilumina as mentes e habilita a ver e discernir o que é correto. Nas palavras do próprio Agostinho, “Daí se conclui que, sem um sujeito conhecedor, nada pode haver de verdadeiro” (AGOSTINHO, 1998, p.75). Portanto, o conhecimento é o efeito tanto dos nossos olhos interiores, bem como da própria aparição da verdade de Deus.

O programa de ensino de Santo Agostinho busca não apenas fazer com que se aprenda a interpretar as escrituras, nem tão pouco fazer o indivíduo entender o sentido das obras humanas, mas buscar o próprio Deus, fonte de todo o saber, de todo o conhecimento, a fonte da vida feliz. O objetivo de Santo Agostinho com esse programa de ensino era formar cristãos, detentores da verdade proposta pelo cristianismo, e a partir dessa verdade se aproximar de Deus, fonte generosa de todo o bem, cuja graça benfazeja, levava o homem ao supremo bem, a santificação, o homem ideal cristão.

Deus é o mestre interior e fonte do saber e da competência de conhecer. A luz divina é consequência da graça, e não deve ser assumida como uma intercessão sobrenatural, pois ela está acessível a quem busca a verdade na unidade interior. O homem carece transcender seus limites e encontrar a verdade iluminadora de Deus.

Para Santo Agostinho, o conhecimento está no interior do homem, e é de incumbência do mestre despertar este conhecimento no aluno, por ele mesmo. Assim, o mestre não transmite o conhecimento aos alunos, mas tem como dever provocar e estimular seus discípulos para que eles se voltem para seu interior, e

cheguem à verdade absoluta. O mestre tem um papel muito importante no processo formativo, pois ele é o facilitador do conhecimento. Ele orienta o aluno a despertar, dentro de si, a verdade e o conhecimento. Nesse sentido, o papel do aluno é de buscar o conhecimento, animado pelo seu mestre.

Assim, considerando que a proposta educativa agostiniana não se limitou a seu tempo, marcando o magistério da Igreja Católica, pode-se encontrar nos dias atuais os exemplos dessa continuidade, com relação aos assuntos de ordem moral e éticos que até então marcam o processo formativo no presente momento.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, **Confissões**, IN-CM, Lisboa, 2007.

AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 2014.

AGOSTINHO. **O Mestre**. In: _____. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

AGOSTINHO. **Solilóquios**. São Paulo: Escala, S/D. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 36), 1998.

BOHENER, P.; GILSON, E. **Historia da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. Ed. Vozes. 12º ed. 2009, Petrópolis, RJ Tradução de Raimundo Vier.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. 3a ed. São Paulo: Unesp, 1999.

COSTA, M. R. N. **10 Lições sobre Santo Agostinho**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FILHO, M. A. N. **A Razão em Exercício: Estudos sobre a filosofia de Agostinho**. 2.ed. São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2009. 378p.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MONDIN, B. Agostinho de Hipona. In: _____. **Curso de Filosofia: os filósofos do Ocidente**. 6. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1981. (Volume 1).

PESSANHA, J. A. **Os Pensadores: Santo Agostinho**. [Tradução J. Oliveira Santos, S.J. e A.Ambrósio de Pina,S.J.]. São Paulo. 1999.

PEREIRA MELO, J. J. A educação em Santo Agostinho. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **Luzes sobre a Idade Média**. Maringá: EDUEM, 2002.

PEREIRA MELO, J. J. Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino. **Educação e Filosofia** Uberlândia, v. 24, n. 48, p. 409-434, jul. /dez. 2010.

PEREIRA MELO, J. J. **Santo Agostinho e o Problema da Aprendizagem Humana**. *Imagens da Educação*, v. 5, n. 1, p. 82-94, 2015.

SILVA, R. V. **A relação entre verdade e conhecimento nas Confissões de Santo Agostinho**. 2005. Dissertação de título de Mestre em Filosofia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SOUZA, M.; PEREIRA MELO, J. J. **A Educação em Santo Agostinho: Processo de Interiorização na busca pelo conhecimento**. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1937_1302.pdf>

Acesso em: 03 nov. 2015.

SOUZA, M. R. de. **A concepção de mestre na proposta educativa agostiniana**. 2010. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.